



Data: 03.07.2020

Titulo: Desemprego obriga milhares de imigrantes a abandonar Portugal

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;8;9



Desemprego obriga milhares de imigrantes a abandonar Portugal

Pandemia atirou principalmente brasileiros e ucranianos para a pobreza
Maioria tinha emprego precário em setores como a hotelaria e turismo **P. 8 e 9**

Área: 1580cm² / 47%

Tiragem: 66.504

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6886514



Data: 03.07.2020

Título: Desemprego obriga milhares de imigrantes a abandonar Portugal

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 1;8;9

Imigrantes pedem ajuda para comer e saem de Portugal aos milhares

João Queiroz
sociedade@jn.pt

Só entre brasileiros, mais de dois mil em condições dramáticas tiveram que voltar ao seu país. A Ucrânia fez em março e abril cinco voos de repatriamento

CRISE Não se sabe ao certo quantos são. A pandemia tirou-lhes o emprego, atirou-os para a pobreza, deixou-lhes a vida à mercê da sorte e dos movimentos de solidariedade que se multiplicaram nestes tempos de crise. Passaram a depender das associações para comer, pagar a renda da casa ou, simplesmente, para ter onde dormir. Sem meios de subsistência, milhares de imigrantes desistiram e regressaram (ou tentam voltar) ao país de origem.

Entre março e maio, foram repatriados mais de dois mil cidadãos brasileiros – a mais representativa comunidade imigrante em Portugal –, “em situação de extrema vulnerabilidade”, sem dinheiro para sobreviver. “Recebemos um número muito expressivo de pedidos de ajuda durante o surto. A população que ainda estava em fase de legalização foi afetada de forma muito violenta”, afirma ao JN Eduardo Hosannah, cônsul-geral-

-adjunto do Brasil.

Trata-se de uma vaga de imigração “muito recente, com poucos apoios informais” no país de acolhimento e “pouca possibilidade de recorrer a ajuda pública”, explica João Peixoto, sociólogo e professor do ISEG: “Perante situações de desemprego imediato, sem contrato (muitos são trabalhadores precários, recebendo como independentes), sem possibilidade de recorrer ao lay-off, sem poupanças acumuladas, o retorno passou a ser a única saída, porque a possibilidade de reemigrar para outro país, como aconteceu na crise anterior, não existe agora”.

PRECÁRIOS E DESPROTEGIDOS

Foi “muito significativo” o impacto da crise nos brasileiros, a maioria empregada na restauração, no turismo e noutros serviços. “Ficou muito evidente a situação precária de trabalho e, por conta disso, a falta de proteção social. Foram inúmeros os pedidos de ajuda para alimentação e para habitação – apareceram-nos muitos casos de desalojamento, de quem só tem dinheiro para mais um mês ou 15 dias de renda”, conta Cyntia de Paula, psicóloga e presidente da Casa do Brasil de Lisboa.

Já a Embaixada da Ucrânia diz ter recebido “mais de 2500 pedidos de auxílio” por parte de pessoas em busca de “informação sobre a covid-19 e os meios e as possibilidades de regresso” à terra natal. Entre março e maio, rea-

lizou cinco voos de repatriamento com um total de 710 passageiros.

A maioria recorreu aos consulados. Houve quem, no entanto, tenha procurado os três centros nacionais de Apoio à Integração de Migrantes, que “registaram 78 atendimentos com assunto relativo ao retorno voluntário”, segundo dados do Alto Comissariado para as Migrações.

AJUDA ALIMENTAR E DE CASA

“Os que ficaram atravessam muitas dificuldades. Muitos estão desempregados, a necessitar de ajuda alimentar e alguns de alojamento”, diz Pavlo Sadokha, presidente da Associação dos Ucrânios.

Em maio, o Banco Alimentar Contra a Fome prestava assistência a cerca de 60 mil pessoas, “muitos, muitos imigrantes, a maioria de nacionalidade brasileira, mas também de Cabo Verde, Guiné, Angola, Vietname e Nepal”, refere Isabel Jonet.

São várias instituições a tirar a fome a quem empobreceu ou ficou sem teto. A Estrela da Lusofonia, por exemplo, ajuda hoje 60 famílias no concelho de Sintra, a sua área de influência. A Associação Cultural Moinho de Vento, cujo plano alimentar de emergência à comunidade do Bairro da Cova da Moura – casa de milhares de imigrantes – passou a abranger mais de 300 pessoas, quando antes eram pouco mais de 50. São os pobres da covid-19. ●

Área: 1580cm² / 47%

Tiragem: 66.504

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6886514



Data: 03.07.2020

Título: Desemprego obriga milhares de imigrantes a abandonar Portugal

Pub: **Jornal de Notícias**



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;8;9

População estrangeira residente em Portugal



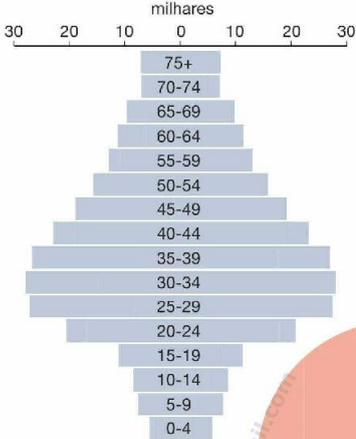
Nacionalidades mais representativas (2019)

Nacionalidade	População	Var. face 2018
Brasil	150 864	43%
Cabo Verde	37 393	7,9%
Reino Unido	34 340	30%

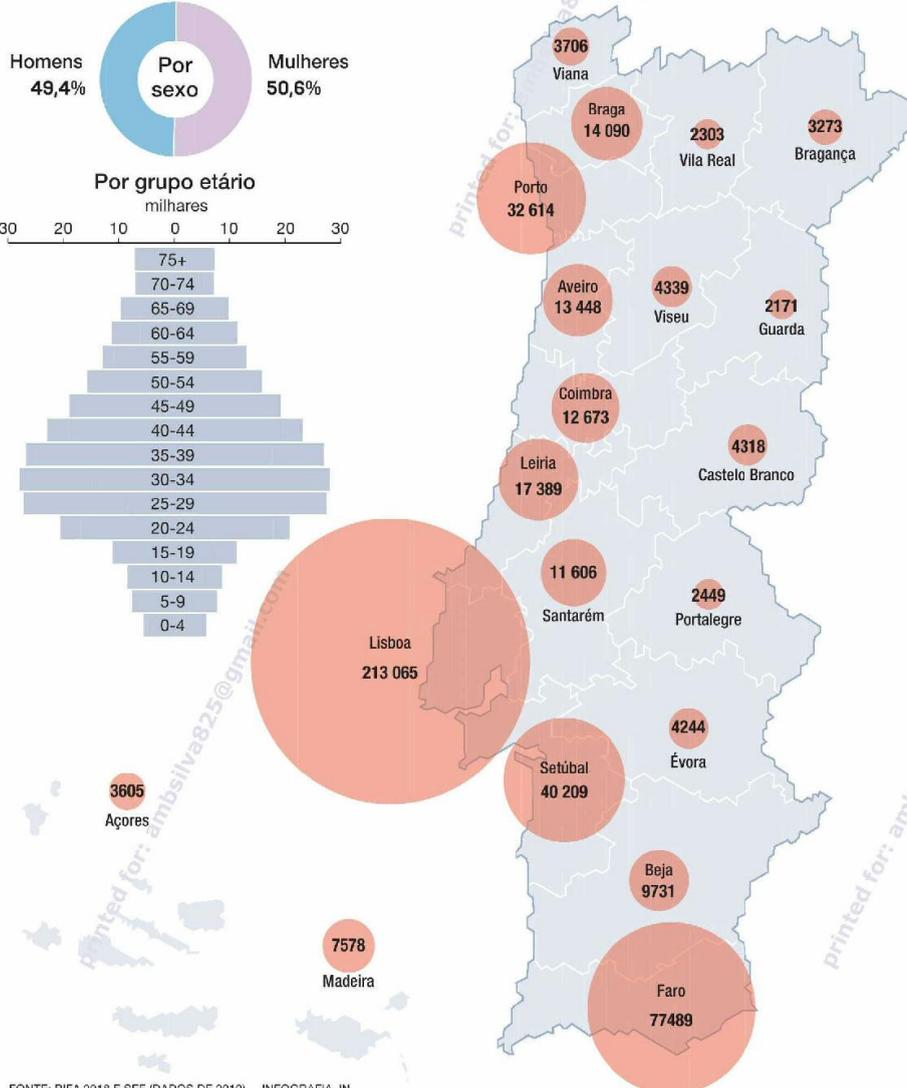
Distribuição em 2018



Por grupo etário



Por distrito/região autónoma



FONTE: RIFA 2018 E SEF (DADOS DE 2019) INFOGRAFIA JN

SABER MAIS

Pedidos de regresso aumentam 32%

Os pedidos de retorno voluntário feitos à Organização Internacional para as Migrações (OIM) aumentaram 32% no primeiro semestre de 2020 face ao período homólogo do ano anterior. A maioria aconteceu entre os meses de abril e maio, na fase em que o estado de emergência vigorava em Portugal, e surgiu por parte de cidadãos brasileiros (93% do total).

Pandemia acentuou precariedade

A pandemia veio "acentuar a situação económica e laboral" precária destes imigrantes, diz Luís Carrasquinho, da OIM: "Muitos estão a trabalhar no setor informal e acabam mais rapidamente por entrar em situação de dificuldade e pedir apoio".

Área: 1580cm² / 47%

Tiragem: 66.504

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6886514



Data: 03.07.2020

Titulo: Desemprego obriga milhares de imigrantes a abandonar Portugal

Pub: **Jornal de Notícias**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;8;9

À LUPA

500 000

2121

O SEF registava, em 2019, mais de meio milhão de estrangeiros a residir em Portugal (dados provisórios). A comunidade brasileira continuava a ser a mais representativa: 150 864, seguida da cabo-verdiana (37 393) e da britânica (34 340).

é o número de imigrantes que seguiram em voos de repatriamento entre março e maio e cujos custos foram suportados pelo Governo brasileiro.

REPORTAGEM

Os quatro a dormir num quarto

Famalicão Família brasileira chegou a Portugal em novembro à procura de uma vida melhor que foi dificultada pela pandemia



Marcos, Regina e as duas filhas, Gabriela e Giovanna, vivem em casa de um primo, em Famalicão

Área: 1580cm² / 47%

Tiragem: 66.504
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6886514

MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS



Data: 03.07.2020

Título: Desemprego obriga milhares de imigrantes a abandonar Portugal

Pub: **Jornal de Notícias**

Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Nacional

Pág: 1;8;9

TRABALHO Marcos Santos e a família mudaram-se da cidade de Unápolis, no estado da Bahia, no Brasil, para Portugal em novembro passado em busca de “dias de paz” que a pandemia tem adiado. Casado e pai de duas filhas, estava desempregado há quase meio ano e endividado, depois de ter sido vítima de fraude por conta da empresa de e-commerce que geria. “Já não aguentava mais a situação”. Vendeu tudo o que tinha, o carro e o recheio de casa, para comprar as viagens. Os quatro chegaram em novembro a Viseu, para viver com um casal amigo, que os incentivou a emigrar e lhes garantiu apoio até se estabelecerem.

Desde que emigrou, Marcos, de 44 anos, teve vários empregos, a maioria ligada à construção civil – “demasiado pesados” para quem no Brasil tinha trabalhado como designer gráfico ou empregado de escritório –, até conseguir trabalho numa fábrica para ele e para a mulher, Regina. Deixou a empresa onde trabalhava e, quando os dois se preparavam para assinar contrato, foi decretado o estado de emergência e a fábrica entrou em lay-off. A filha mais velha, Gabriela, foi dispensada da cadeia de fast food onde tinha entrado pouco antes.

O casal com quem viviam, também a atravessar dificuldades, foi para Lisboa e deixou-lhes o apartamento, alugado, que eles não tinham como pagar. “Fiquei desesperado, não tinha para onde ir.” Foi uma empresária viseense que lhes deu a mão: ajudou-os a pagar a renda e ofereceu-lhes a casa dos pais que, por causa da pandemia, tinham ido viver com uma irmã.

“Deixou-nos alimentação suficiente para dois meses. Estamos eternamente gratos à doutora Ângela e também ao padre João Zuzarte, da Igreja do Carmo. Foram duas pessoas que Deus colocou no nosso caminho, que nunca deixa-

ram que nada nos faltasse”.

Era uma vida quase caída do céu, mas provisória. O regresso ao Brasil já estava decidido, os bilhetes de avião comprados com ajuda da família e dos amigos, os de lá e os novos de cá. O voo estava marcado para 3 de maio, mas teve que ser reagendado para 2 de junho, e, entretanto, também cancelado.

“Descobri que o reembolso tinha um prazo de 12 meses. A mulher da agência no Brasil aproveitou-se da situação que, para mim, ficou ainda mais crítica. E também já não me sentia bem em ficar mais tempo a dar despesa, sem nada poder fazer”, conta o pai de família.

Valeu-lhes o apoio “de muita gente amiga”, de associações de imigrantes, como a Atlântico Brasil, e de um primo, a viver em Fimalicão numa casa que, entretanto, ficou com um quarto vago. É lá que hoje os quatro dormem. Em pouco tempo, Marcos arranjou emprego – trabalha 12 horas por dia de segunda a sexta, e também ao sábado, numa empresa de fabrico de portas e janelas. Regina e Gabriela ainda estão à procura, mas o desejo de regressar à terra mãe ficou adiado “sine die”. À espera de dias melhores, dos “dias de paz” de que vieram à procura em Portugal. ●

JOÃO QUEIROZ
ENTREVISTA

“Sem trabalho, têm de fazer opções”

Era expectável que esta crise espoletasse um movimento expressivo do retorno de imigrantes ao seu país de origem?

No país de origem existem redes informais de suporte (amigos e familiares) e alguma aju-

João Peixoto

Sociólogo e professor catedrático do ISEG



da pública. Retornar é uma opção racional, face à inexistência de trabalho e suporte, informal ou formal, em Portugal, e face à impossibilidade de melhorar a vida noutro país. A possibilidade de reemigrar, como aconteceu na crise de 2011-2014, deixou de existir.

Que riscos enfrentam os que permanecem em Portugal?

Pobreza, exclusão e estigmatização. Muitos deles são partilhados com portugueses pobres. É importante sublinhar que a maioria da imigração para Portugal ocorre por motivos de trabalho. Sem trabalho, os imigrantes têm de fazer opções. Alguns resistem, outros retornam. Se a economia reanimar e houver trabalho, os problemas serão resolvidos. A lenta recuperação da economia vai retardar a solução.

Que consequências pode ter esta perda de população para Portugal?

Vários estudos confirmam a necessidade de imigração em Portugal por razões económicas e demográficas. Os imigrantes são necessários para preencher vagas no mercado de trabalho para as quais há escassez de nacionais. São também necessários para desacelerar o processo de envelhecimento. É importante que, depois da crise pandémica, se reabram possibilidades de imigração regular para Portugal.

Área: 1580cm² / 47%

Tiragem: 66.504

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6886514